

ESTUDOS SOCIAIS — OPINIÕES E ATITUDES DE EX-ALUNOS *

NEWTON CESAR BALZAN **

RESUMO

Durante o período 1962-1966, o autor teve a oportunidade de acompanhar, na qualidade de professor de Estudos Sociais, duas turmas de alunos que frequentaram o Ginásio Vocacional de Americana, atual Colégio Estadual "João XXIII".

Visando contribuir para a avaliação de experiências em Educação, procurou investigar, alguns anos mais tarde, os resultados daquele trabalho: "Quais as opiniões e atitudes do ex-aluno sobre a área de Estudos Sociais, conforme fora desenvolvida no Ginásio Vocacional de Americana durante aquele espaço de tempo"?

Dos 117 indivíduos que fizeram parte daquelas turmas, apenas um não foi localizado, tendo todos os demais fornecido as informações solicitadas para o desenvolvimento da presente pesquisa.

Utilizando-se do método descrito por Thurstone, o autor construiu escalas de atitudes, estudando, a seguir, relações entre as variáveis consideradas mais significativas. Recorreu à Análise Fatorial para fins de identificação de fatores e a uma série de processos estatísticos, no estudo de possíveis relações de dependência.

De modo geral, os ex-alunos revelaram-se altamente favoráveis ao trabalho realizado, fato que contrasta com as observações coletadas pelo antigo Serviço de Acompanhamento Pós-Escolar, no período imediatamente posterior ao curso ginásial.

SUMMARY

SOCIAL STUDIES — OPINIONS AND ATTITUDES OF EX-STUDENTS

During the period between 1962-1966, the author had the opportunity to be the teacher of Social Studies for two groups of students who attended the Vocational Junior High School of Americana, today called State High School John XXIII.

Intending to contribute to the evaluation of experiences in Education, the author investigated the results of that work after an eight year period: "What are the opinions and attitudes of ex-students in the area of Social Studies concerning the way the subject was administered at the Vocational Junior High School?"

Of the 117 individuals that were part of the two afore mentioned groups, just one person was not found. All of the others responded to the questionnaire.

Using a method mentioned by Thurstone, the author built attitude scales and studied relationships between variables that were considered most significant. Factorial Analysis was used to identify certain factors. Also a series of statistical processes were used to study the possible dependancy relationships.

Generally speaking, the students demonstrated a high favorable attitude towards the work done during the period 1962-1966. This was in contrast to the study done immediately after the course ended, in 1966, by the "Serviço de Acompanhamento Pós-Escolar". ("Post-School Follow-up Service").

* Este artigo originou-se da Tese de Doutorado em Ciências, apresentada pelo autor à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente (UNESP), aprovada em abril de 1974.

** Da Universidade Estadual de Campinas.

INTRODUÇÃO

O autor do presente trabalho teve a oportunidade de participar de grande parte das atividades desenvolvidas pelo Serviço do Ensino Vocacional, desde agosto de 1961, quando iniciou seu curso de treinamento para professor de Ginásio Vocacional, até o final de 1968, quando deixou suas funções de supervisor da área de Estudos Sociais.

A presente pesquisa, porém, foi desenvolvida a partir de seu interesse pelo período de fins de 1961 até fins de 1966, no qual se desenvolveram, desde a proposição de objetivos para a área de Estudos Sociais do Ginásio Vocacional "João XXIII", de Americana, até o acompanhamento e constante avaliação de duas turmas de quinta a oitava séries do mesmo estabelecimento de ensino, na qualidade de professor de Estudos Sociais.

Era seu pensamento (e continua sendo) que todo o conjunto de atividades desenvolvidas sob a coordenação do Serviço do Ensino Vocacional deveria ter sido avaliado há alguns anos. Assim, ter-se-ia prestado uma contribuição para que não viesse a se repetir no Brasil, mais uma vez, um fato já infelizmente tão comum: o

passar-se de uma inovação para outra, sem que se considerem os resultados das anteriores.

Não pôde propor a si tal tarefa por julgar que a avaliação de todo o conjunto seria atribuição de uma equipe de especialistas, constituída, inclusive, de elementos que tivessem estado na coordenação geral das atividades ali desenvolvidas. Propor exclusivamente a si tal tarefa seria muita pretensão. Uma aventura, talvez; uma pesquisa destituída de rigor científico.

Julgou, no entanto, poder contribuir (e acha que pôde) de alguma forma para essa avaliação. Para isso, propôs-se limitar sua pesquisa à área de Estudos Sociais.

Pretendeu fornecer, especialmente através do método de trabalho utilizado em sua pesquisa, meios para que outros educadores possam proceder a avaliação de suas atividades junto a instituições educacionais.

Ao publicá-la, espera estimular aqueles que se iniciam nos caminhos da pesquisa em educação a darem novas contribuições, indispensáveis para que os educadores, de modo geral, possam ver com mais clareza o tempo e o espaço em que atuam.

I — A SISTEMATIZAÇÃO DE ATIVIDADES NOS GINÁSIOS VOCACIONAIS COMO JUSTIFICATIVA DE UM PLANO DE PESQUISA.

Os Ginásios Vocacionais foram criados no Estado de São Paulo através do decreto 38.643, de 27/06/1961, que regulamentava a lei 6.052, de 03/02/61¹ e, além de outras matérias legislativas, tratava das determinantes pedagógicas do novo tipo de escola que viria a se instalar.

O artigo 302 desse decreto atribuía ao Serviço do Ensino Vocacional a competência de coordenar aquelas unidades de ensino.

Nessa época, com base em portaria do Ministério da Educação e Cultura, inspirada nos princípios da Escola Nova, desenvolviam-se, no ensino secundário do Estado de São Paulo, as chamadas classes experimentais, em quatro estabelecimentos do ensino público e em vários outros da rede particular.

Durante o segundo semestre de 1961, realizou-se o primeiro curso de treinamento para professores dos Ginásios Vocacionais que seriam instalados em 1962: o Ginásio Estadual Vocacional "Oswaldo Aranha", do Brooklin, Capital; o Ginásio Estadual Vocacional de Americana, posteriormente denominado "João XXIII"; o Ginásio Vocacional de Batatais, posteriormente chamado "Cândido Portinari".

Em 1963, foram instalados os Ginásios Vocacionais "Chanceler Raul Fernandes", de Rio Claro, e "Embaixador Macedo Soares", de Barretos.

Em 1968, começaram a funcionar os cursos noturno e de segundo ciclo do Ginásio Vocacional "Oswaldo Aranha" e instalou-se mais uma unidade: a de São Caetano do Sul.

O que caracterizou o trabalho realizado nos Ginásios Vocacionais foi, antes de mais nada, uma tentativa de tratamento científico dos problemas educacionais:

a) pesquisa para fins de planejamento curricular, sobre os seguintes tópicos, visando caracterizar as áreas culturais que atenderiam às necessidades dos Ginásios Vocacionais:

- nível sócio-econômico da população;
- atitudes dos adolescentes em relação à escola, a imigrantes e estrangeiros, à democracia, a motivo de realização, à diversificação de profissões e divisão de classes;
- atitudes das mães quanto ao treino de independência dos filhos;
- rotina diária das crianças e adolescentes;
- justificativa da escolha do Ginásio Vocacional;

b) participação de toda a equipe (professores e orientadores) no planejamento de currículo, a partir dos resultados da pesquisa desenvolvida e de outras informações consideradas relevantes, como, por exemplo, dados de entrevistas e provas de candidatos à 5ª série;

¹ Lei que estabelecia as diretrizes da reforma do Ensino Industrial.

- c) reuniões de professores e orientadores nos meses de fevereiro e julho para avaliação das atividades desenvolvidas no semestre anterior e programação do semestre seguinte;
- d) um processo de reflexão constante sobre o trabalho em andamento, através de reuniões semanais coordenadas pelos orientadores pedagógicos e educacionais e contando com a participação de todos os professores.

Essas observações, acreditamos, justificam o significado da pesquisa desenvolvida. Referimo-nos ao Ginásio Vocacional, não apenas como projeto em nível micro-educacional, visando testar certos modelos, mas também como experiências, que, examinadas em profundidade, podem ser apontadas como exemplos de atividades sistematizadas dentro da estrutura vigente na época.

Com efeito, as características que descrevemos parecem garantir a existência de condições que significam o agir de modo sistematizado, conforme propõe Saviani (1973, p. 71):

“Agir de modo sistematizado significa:

- a) tomar consciência da situação;
- b) captar os seus problemas;
- c) refletir sobre eles;
- d) formulá-los em termos de objetivos realizáveis;
- e) organizar meios para atingir aos objetivos propostos;
- f) intervir na situação, pondo em marcha os meios referidos;
- g) manter ininterrupto o movimento dialético ação-reflexão-ação.

(Com efeito, a ação sistematizada é exatamente aquela que se caracteriza pela vigilância da reflexão.)

Nossa preocupação em relação aos resultados de um trabalho que apresentou as características descritas não é recente. Datando praticamente da época em que a primeira turma ainda freqüentava o estabelecimento, foi ela aguçada a partir dos primeiros dados coletados pelo Serviço de Acompanhamento Pós-Escolar (APE) do Serviço do Ensino Vocacional, que contava com um elemento especializado em cada uma das unidades. Nas entrevistas realizadas em 1966 e 1967 os ex-alunos emitiam opiniões fortemente influenciadas pelas circunstâncias em que viviam: como elementos que freqüentavam curso científico ou clássico na própria cidade de Americana, onde se sentiam desvalorizados com relação àquilo que haviam aprendido; como elementos que freqüentavam cursos que lhes pareciam “fáceis”, sentindo-se altamente entusiasmados com as aprendizagens realizadas. De modo geral, os resultados apresentados não se faziam sentir encorajadores.

Tendo restringido nossa pesquisa a uma área de estudos e a um determinado estabelecimento de ensino, procuramos formular o problema de maneira que pudessemos tratá-lo segundo abordagem científica obtendo resultados tão precisos quanto possível.

Propusemo-nos a conhecer a opinião e a atitude do ex-aluno sobre a área de Estudos Sociais, conforme

fora desenvolvida no Ginásio Vocacional de Americana durante o período de 1962-1966; qual a opinião e a atitude do jovem de hoje (1973), sobre o trabalho que com ele se desenvolveu durante aquele espaço de tempo?

Trata-se de um estudo do tipo “follow-up”, “centrado sobre indivíduos que deixaram uma instituição depois de haver seguido um programa, um tratamento ou um curso determinado. A investigação se refere ao que lhes teria sucedido, ao impacto da instrução e de seu programa sobre eles. Examinando sua situação ou inquirindo suas opiniões pode-se obter alguma idéia da eficácia ou da ineficácia do progresso seguido” (Best, 1961, p. 92).

Partimos da hipótese central segundo a qual, tendo passado por um conjunto de experiências significativas, o ex-aluno possui opinião sobre elas. Assim sendo, essa *opinião* pode constituir dado essencial para avaliação de uma experiência educacional, na medida em que expressa suas avaliações, sentimentos e tendências para a ação (*atitude*) em relação às mais diversas situações pelas quais ele terá passado durante o período de tempo em que a experiência se realizou.

Neste contexto, adquiriu real importância a investigação junto ao ex-aluno, quando já distante da fase imediatamente posterior ao curso freqüentado, e poderia fornecer elementos para melhor caracterizar a própria área de Estudos Sociais num período que antecedeu em alguns anos a Lei 5692/71, que Fixa as Diretrizes e Bases do Ensino de 1.º e 2.º Graus.

Constituíram nossos pressupostos as possibilidades de localizar os ex-alunos e de identificar o conjunto de experiências pelas quais eles terão passado a partir do momento em que deixaram o Ginásio Vocacional e que terão influenciado suas opiniões e atitudes sobre a área de Estudos Sociais.

A partir desses pressupostos, nosso trabalho concentrou-se em:

- elaborar um questionário para fins de levantamento da opinião do ex-aluno sobre o trabalho desenvolvido;

- localizar os ex-alunos, aplicar o questionário, tabular e analisar os dados coletados;

- lançar as bases para a construção de escalas que pudessem medir com precisão as atitudes dos ex-alunos sobre a área de Estudos Sociais.

Tendo Estudos Sociais nos Ginásios Vocacionais ocupado a posição de área-núcleo, era praticamente impossível isolar a área do contexto global em que ela se desenvolveu. Esta constatação, que se apresentou como uma primeira limitação à pesquisa, foi contornada através de um conjunto de questões que permitiram melhor caracterizar as relações existentes, auxiliando-nos a concentrar a atenção sobre a área.

II — A ÁREA DE ESTUDOS SOCIAIS NO GINÁSIO VOCACIONAL "JOÃO XXIII", DE AMERICANA, DE 1962 A 1966.

1. PLANEJAMENTO CURRICULAR. O MODELO DE ESTUDOS SOCIAIS: ÁREA NÚCLEO; CÍRCULOS CONCENTRICOS; ATENÇÃO A COMUNIDADE.

O município de Americana faz parte da micro-região de Campinas, distante da Capital do Estado, 142 Km por estrada de ferro. Situados próximos a ele e com maiores populações, encontram-se Campinas, a 37 Km, Piracicaba, também a 37 Km e Limeira, a 24 Km. Bastante próximos, encontram-se dois municípios cujas populações são bem menores: Santa Bárbara D'Oeste e Nova Odessa, a 6 e 10 Km, respectivamente.

Com grande predominância de população urbana sobre a rural, o município apresenta forte crescimento demográfico: 18.183 habitantes em 1950, 37.856 em 1960 e 66.665 em 1970. O último recenseamento registrou a presença de apenas 3.999 habitantes no meio rural e indicou um declínio dessa população em relação ao censo anterior. Com exceção de alguns dos municípios que fazem parte da "Grande São Paulo", Americana destaca-se dentre os demais do Interior do Estado por sua alta densidade demográfica: 544,09 hab/Km².

Sua economia baseia-se principalmente em atividades industriais, destacando-se, dentre essas, o tipo textil.

Estando previsto para março de 1962 o início das atividades do Ginásio Vocacional neste município, durante o mês anterior a equipe de professores, assistida pela direção e pelos orientadores elaborou o planejamento de currículo para a unidade recém-instalada.

Não pretendemos nos deter no relato de como cada um dos tópicos aos quais nos referimos anteriormente foi analisado pela equipe, mas gostaríamos de deixar claro que foi a partir da reflexão sobre eles que professores e orientadores extraíram suas primeiras conclusões sobre o quadro real onde teriam lugar suas atividades. Eis alguns exemplos:

"suposição de clientela de baixo nível, exigindo ensino mais prático que teórico";

"72,5% das mães possivelmente poderão acompanhar as atividades de seus filhos, uma vez que 64,2% delas tem prendas domésticas e 8,3% são professores";

"a baixa percentagem de mães que desejam o curso médio profissional para os seus filhos (9,8% para o sexo masculino e 11,8% para o feminino, índices que se apresentam abaixo do curso elementar), impõe como necessário que o Ginásio Vocacional proporcione conhecimentos sobre o valor de um grande número de profissões; torna-se necessário, ainda, fazer do Vocacional uma escola diferente da profissional comum, no sentido de propiciar acesso à escola superior".

Conclusões como estas foram objeto de nova reflexão, culminando com a proposição dos objetivos do Ginásio Vocacional de Americana (Anexo I).

Os resultados da primeira fase de trabalho, onde ficou evidenciada a grande preocupação com o desenvolvimento social do educando, o caráter de síntese que apresentam os Estudos Sociais e, principalmente, o fato de os Ginásios Vocacionais fazerem parte de um sistema de ensino que se convencionou chamar de "renovado", convergiram para que se atribuisse a Estudos Sociais a posição de área-núcleo nos currículos de Ginásio Vocacional. De Estudos Sociais deveriam partir os grandes temas que constituiriam as unidades de estudo através das várias séries. Para Estudos Sociais deveriam convergir os resultados dos estudos que as diferentes áreas desencadeariam a partir desses temas, e que seriam explorados pela área-núcleo, segundo uma visão de síntese.

A integração das diversas áreas, portanto, pode ser apontada como uma das características do trabalho proposto.

E, ao contrário dos programas então em vigor nas escolas, os conteúdos seriam desenvolvidos a partir da realidade mais próxima, da qual passaria à mais distante. O modelo adotado foi aquele a que se convencionou chamar de "círculos concêntricos", enfatizando-se a Comunidade, o Estado, o País e o Mundo, respectivamente na 5a., 6a., 7a. e 8a. séries.

Neste contexto, foram altamente valorizados os estudos de comunidade. Estudada em seus detalhes, dinamismo e complexidade, a partir do segundo ou terceiro bimestre da 5a. série, a Comunidade, como meio social em que o aluno estava inserido, na verdade era objeto de atenção até o final da 8a. série.

No curso de treinamento a que já nos referimos, professores de Geografia e História foram preparados tendo em vista a área de Estudos Sociais e não aquelas disciplinas. O próprio decreto que criava os Ginásios Vocacionais referia-se a Estudos Sociais.

Faltava, no entanto, para os professores que se iniciavam na área, uma conceituação clara sobre Estudos Sociais.

Percebiam que História e Geografia, concebidas no sentido tradicional, dificilmente poderiam contribuir plenamente para o atendimento aos objetivos propostos, bem como para o desempenho das funções que foram atribuídas a Estudos Sociais. E era necessário algo mais que a soma dessas duas disciplinas.

Com o correr do tempo várias contribuições foram sendo acrescentadas a fim de melhor se explicitar o conceito de Estudos Sociais. Dentre elas, podemos destacar a inclusão de professores provenientes de cursos de Ciências Sociais, e não apenas de Geografia e História, bem como seminários promovidos pelo Serviço do

Ensino Vocacional, contando com a participação de especialistas em várias disciplinas sociais: Política, Antropologia, Sociologia etc..

Mas foi no contexto acima descrito, isto é, num quadro carregado de limitações, que os professores de Estudos Sociais propuseram seus objetivos para a área e iniciaram suas atividades no Ginásio Vocacional.

Os objetivos de Estudos Sociais:

1. Por o adolescente em contacto com o mundo que o cerca;
2. Contribuir para integrar o indivíduo na sociedade em que vive (desde a comunidade em que vive, até o país e o mundo dos quais participa como cidadão):
 - a) desenvolvendo a capacidade de compreensão da realidade social e histórica;
 - b) levando-o à compreensão da realidade nacional e seu enquadramento na realidade internacional;
 - c) levando o adolescente a sentir-se responsável perante a sociedade;
 - d) desenvolvendo no educando a capacidade de refletir sobre os fenômenos sociais com objetividade;
 - e) levando o adolescente a tornar-se capaz e desejoso de desempenhar seus deveres cívicos.
3. Desenvolver a consciência da necessidade de estabelecer contactos com os diferentes meios de comunicação;
4. Desenvolver a capacidade para a discussão e elaboração do trabalho em equipe;
5. Formar o sentimento de nacionalidade;
6. Promover a valorização do elemento humano, desenvolvendo atitude de aceitação para com as diferentes raças, crenças e nacionalidades;
7. Valorizar a cultura e conseqüentemente a hierarquia de valores;
8. Acentuar e elevar, na formação espiritual dos adolescentes, a consciência humanística;
9. Desenvolver o raciocínio do educando:
 - a) levando-o à observação;
 - b) familiarizando-o com os processos de análise, comparação e síntese dos fenômenos estudados, levando-o à formação de conceitos;
 - c) desenvolvendo sua capacidade de compreensão das diferentes organizações culturais em relação aos diferentes meios físicos.
10. Desenvolver atitudes científicas, proporcionando situações que tornem possível o desenvolvimento do gosto pela pesquisa, tanto no que se refere ao meio físico, como aos agrupamentos humanos.
11. Desenvolver a capacidade para o pensamento simbólico, conforme seja ele representado nas suas convenções ou termos técnicos.
12. Desenvolver no educando a capacidade de estudar, interpretando com senso crítico o que viu, leu e ouviu;
13. Dar conhecimentos essenciais sobre os vários campos da Geografia Física e Humana e dos relacionamentos entre o homem e o meio.
14. Localizar no espaço os fatos estudados nas demais áreas, dando sentido de integração a esses fatos;

15. Desenvolver no educando a consciência histórica (consciência da união com o passado numa continuidade que prende e ilumina o futuro), proporcionando-lhe:
 - a) conhecimento de determinados fatos do passado, sem perder de vista as ligações e interdependências entre eles;
 - b) conhecimento da evolução da sociedade e das instituições sociais;
 - c) meios para localizar no tempo os fatos estudados nas demais áreas, dando sentido de integração a esses mesmos fatos".

Os professores não dispunham ainda de uma taxionomia de objetivos educacionais e tão pouco contavam com qualquer treinamento no sentido de sua operacionalização. Parecia haver, no entanto, uma consciência clara sobre a importância do trabalho a realizar, o que marcou o planejamento de currículo.

Eram contratados para trabalhar o máximo de horas-aulas semanais, previsto por lei. Como o número de aulas abrangeria, porém, apenas uma parte do tempo disponível, poderiam contar com certo número de horas remuneradas para atendimento a alunos, entrevistas com orientadores, atendimento a pais de alunos, estudos relacionados à própria área, etc..

Contactos frequentes com a orientadora pedagógica e duas horas de reunião semanal com toda a equipe de professores, deveriam contribuir para que se garantisse um trabalho satisfatório: a integração das várias áreas, em cujo processo Estudos Sociais ocupava a posição de área-núcleo e, claro, o atendimento aos objetivos propostos.

O papel atribuído a Estudos Sociais no Ginásio Vocacional sempre nos pareceu que devesse ser objeto de investigação:

O ex-aluno ter-se-ia julgado prejudicado em seus cursos posteriores devido a esta característica do modelo então desenvolvido? Se as respostas se dividissem, haveria algum traço comum a ligar os indivíduos que optassem pela afirmação? Reprovações em segundo grau, diferenças de ramos de cursos superiores, por exemplo?

Os efeitos da presença de dois professores de Estudos Sociais, ao invés de apenas um, e com as limitações apontadas, no conceito do ex-aluno em relação à área, também nos pareceu constituir objeto de questionamento: ele terá caracterizado Estudos Sociais exclusivamente como Geografia e História?

2. DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

2.1 — Algumas diferenças observadas junto às duas primeiras turmas.

Várias dificuldades se colocavam aos professores que iniciaram suas atividades em 1962: um prédio em reparação e ampliação, com aulas desenvolvidas em escadas e corredores, sem número suficiente de cadeiras para todos os alunos, ausência do mínimo essencial de material didático — livros e quadro-negro, por exemplo. Acima de tudo, o fato já referido, de os professores não terem qualquer experiência anterior em "educação renovada", não contando, inclusive, com qual-

quer treino em planejar conteúdos de 5.^a série baseados no estudo da comunidade.

Esses fatos tornaram praticamente inevitável uma fuga do modelo pré-estabelecido.

Os alunos iniciavam seus estudos pela própria comunidade, efetuando observações junto à indústria, comércio e prefeitura, por exemplo. Mas, a partir dos dados coletados, trabalhavam com um conteúdo que se distanciava bastante da realidade local, desaparecendo, à primeira vista, o problema inicial.

Além disso, as “sessões de atualidades” — discussões de fatos relatados pelos meios de comunicações de massa — foram realizadas em número bastante elevado durante o primeiro ano de atividades, contribuindo, também, para um distanciamento da Comunidade.

As experiências adquiridas pelos professores durante o primeiro ano de atividades deram origem a melhor organização na condução do trabalho junto à segunda turma. A atenção foi então concentrada, de fato, na comunidade e as discussões de atualidades, realizadas apenas excepcionalmente.

Embora a 5.^a série represente apenas 1/4 do período total de permanência do indivíduo no “Ginásio”, a verdade é que a turma que ingressou em 1962 foi a pioneira no estabelecimento, o que implicou conseqüências positivas e negativas: o trabalho com ela desenvolvido era sempre novo e, por isso, os professores eram levados a “criar” mais, envolvendo nesse processo o próprio aluno. A segunda turma encontrava sempre seus professores mais organizados, mais seguros, e, talvez, menos criativos. Esta turma só teve oportunidade de discutir amplamente atualidades na 8.^a série, já em 1966.

Por outro lado, a relação professor-aluno caracterizou-se, no que se refere à primeira turma, especialmente no período inicial, por um paternalismo muito grande. Como resultado da necessidade de alterar comportamentos de professores oriundos da “Escola Tradicional”, a “Escola Nova” acabava por vezes exagerando no sentido contrário: a liderança autoritária era substituída pelo “laissez-faire”, de maneira que o aluno chegava a ser poupado quanto às dificuldades que normalmente deveria encontrar em sua vida de estudante, constituindo desafio à sua inteligência; assistido demais, muitas vezes ele se irritava, outras, deixava de compreender seu papel como elemento que também deveria contribuir com algo de si junto ao próprio grupo.

Através da presente pesquisa, pretendemos responder a uma série de questões que envolveram as diferenças imprimidas junto às duas turmas, dentre as quais destacamos a atitude do ex-aluno em relação à seqüência “Comunidade-Estado-País-Mundo”.

Até que ponto as “aberturas” ocorridas junto à primeira turma terão contribuído para se evitar aquilo que Pierre

Furter chama de visão espacializante de universalização e que, segundo este autor, nada mais é do que uma caricatura da universalidade autêntica?

“Universalizar não é acrescentar uma dimensão maior, não depende do tamanho da nossa atividade, mas de uma mudança radical do homem. Ao invés de se compreender objeto do seu meio e objeto de uma universalização entendida como mero alargamento do horizonte, descobre-se sujeito do seu mundo, sujeito responsável por uma atuação sobre si mesmo e sobre a natureza, que muda totalmente as suas relações com o universo. Na verdade, não devemos entender a universalização como um “continuum” ampliado, mas como um processo dinâmico, que implica a atividade de um sujeito responsável; que é artificialmente provocada pelo homem no seu processo sumamente dialético, que substitui a visão espacializante da existência por uma visão dialética, temporal e engajada” (Furter, 1970, p. 23).

2.2 — Experiências de aprendizagem

No Ginásio Vocacional, os professores das diferentes áreas desenvolviam suas atividades integradamente, através das chamadas “unidades didáticas”. Estas eram distribuídas bimestralmente: cada uma delas correspondia a determinado tema, extraído da realidade sócio-cultural.

Os temas não eram simplesmente “passados” aos alunos, mas problematizados *com* eles, através de uma situação didática cognominada “aula-plataforma”. No início de cada bimestre, considerando os objetivos do Ginásio Vocacional e o modelo de círculos concêntricos, os professores de determinada série discutiam com os alunos os problemas de maior interesse naquele momento, gerando uma situação de desequilíbrio interno que deveria estimular o pensamento do aluno para a busca de um novo equilíbrio. Tal processo se concretizava através de diversas situações de aprendizagem que tinham lugar no decorrer do bimestre.

Ao final dos dois meses, tinha lugar a “assembléia de síntese”, situação que correspondia a um ponto de chegada, contando também com a participação de professores e alunos. Levantavam-se as conclusões gerais atingidas durante o bimestre e respondia-se às principais questões colocadas na aula-plataforma. As dúvidas surgidas eram canalizadas para a proposição de nova unidade, a ser desenvolvida no bimestre seguinte.

De um modo geral, pretendia-se que, em lugar das quatro séries do antigo ginásio, todo o conjunto de atividades se desenvolvesse através de 16 unidades. Estas deveriam apresentar íntimas relações entre si, de maneira que à última delas correspondesse uma síntese dos assuntos estudados nas anteriores².

² A leitura do resumo dos trabalhos relatados por um grupo de professores do Serviço do Ensino Vocacional por ocasião da 21.^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, será bastante útil àqueles que se interessarem em obter maiores esclarecimentos sobre a “integração”. (Ver SBPC, 1968).

As duas turmas que acompanhamos, realizaram esta síntese através de um "auto", especialmente preparado para a Festa de Formatura, realizada no final de curso. Representado sob a forma de teatro de arena, parecemos estarem ali presentes os principais conceitos e experiências que marcaram os quatro anos anteriores.

Embora a *integração* se referisse a todas as áreas, a área de Estudos Sociais — como decorrência da sua posição de área-núcleo e da natureza dos temas propostos — ocupava lugar de destaque nesta dinâmica. De tópicos de Estudos Sociais partiam os problemas que seriam objeto de estudo durante o bimestre; para Estudos Sociais convergiam os resultados obtidos nas várias áreas, ficando implícita a liderança dos professores dessa área, tanto na aula-plataforma como na assembléia de síntese.

Este procedimento não deixou de suscitar algumas dúvidas por parte do pessoal mais diretamente envolvido nas atividades (professores, alunos e pais), tanto na época em que o processo era desenvolvido, como no período imediatamente após a conclusão do curso.

No estudo das opiniões e das atitudes dos ex-alunos, algumas daquelas dúvidas ainda estavam presentes: teria o ex-aluno se sentido prejudicado, posteriormente, quanto ao conteúdo desenvolvido segundo uma linha de integração? Ele teria de fato percebido a integração entre as várias áreas, apesar das dificuldades registradas nos primeiros anos?

É óbvio que a uma proposta deste tipo não deveriam corresponder situações de aprendizagem caracterizadas pela exposição de conteúdos "prontos" com ênfase na memorização dos conhecimentos, mas sim por todo um conjunto de situações nas quais o aluno seria o próprio agente da aprendizagem: o estudo, sob diversas formas, o trabalho em grupo, a discussão de atualidades, etc..

Neste contexto, predominou, de modo geral, a situação de *estudo*, isto é, uma forma de trabalho onde professores e alunos atuavam como investigadores na busca de soluções para os problemas levantados na aula-plataforma.

As propostas de trabalho encaminhadas aos alunos (conhecidas como "baterias") constituíam situações-problema cuja complexidade obedecia uma ordem crescente de 5.^a para 8.^a série. De uma situação em que os professores assessoravam diretamente os alunos em sala de aula (Estudo Dirigido), passava-se para uma outra em que a atividade apenas iniciava-se em sala de aula, desenvolvendo-se em outros ambientes — biblioteca por exemplo — sob a supervisão de professores de outras áreas (Estudo Supervisionado), atingindo-se, na 8.^a série, o Estudo Livre. Neste, a partir de orientação geral dada pelos professores, os alunos desenvol-

viam, por si mesmos, seus roteiros de trabalho, elaborando conclusões e relatando-as aos professores.

Como o termo "estudo" é bastante abrangente, julgamos conveniente especificar uma das formas que melhor contribuiu para caracterizar o trabalho desenvolvido: o *Estudo do Meio*, realizado em todas as séries e que se constituiu como oportunidades para que os alunos transcendessem a sala de aula tomando contacto direto com a realidade.

Como decorrência das unidades didáticas, a maior parte dos estudos do meio se realizou na 5.^a série, quando alunos e professores podiam mais facilmente se locomover tendo em vista a necessidade de estudar a realidade mais imediata. Na 6.^a série, por se referir ao Estado, os estudos do meio tornavam-se mais raros; apesar disto, foram realizadas pelo menos três dessas atividades com cada uma das turmas. Os estudos do meio de 7.^a série, voltados para o país, encontravam maiores dificuldades para sua concretização: realizava-se um apenas, convencionalmente chamado de "grande estudo do meio", dizendo respeito praticamente a todas as unidades desenvolvidas durante o ano letivo. Ao cursar a 7.^a série, a primeira turma realizou suas observações em Volta Redonda, Barra Mansa, Rio de Janeiro e Petrópolis. A segunda turma, percorreu as cidades históricas de Minas Gerais.

Na 8.^a série, o fato de as unidades se referirem a problemas mundiais não impedia a realização dos estudos do meio, uma vez que a dinâmica do "modelo" adotado não implicava a obrigatoriedade e viagens a outros países. Ao cursar a última série, o aluno deveria retornar à comunidade, localizando e estudando *in loco* os problemas surgidos do desenvolvimento da temática das unidades propostas³.

É importante salientar que, embora muitos dos indivíduos não contassem com o mínimo de condições para custear suas viagens e alojamentos, em nenhuma ocasião aluno algum deixou de participar de qualquer dos estudos do meio planejados. Esta constatação, sendo comum às demais situações de aprendizagem, apontou-nos a direção de uma possível desvinculação entre o nível sócio-econômico dos indivíduos e suas opiniões e atitudes em relação à área de Estudos Sociais.

Desenvolvido de 5.^a a 8.^a série, o *trabalho de grupo* estava presente praticamente em todas as situações de aprendizagem: nos estudos do meio, nas aulas-plataforma, nas assembléias de síntese etc.. Dado o fato de se constituir como uma das características predominantes do trabalho então desenvolvido, consideramos importante salientar algumas de suas especificidades.

³ Há alguns trabalhos sobre Estudo do Meio escritos a partir de experiências registradas nos Ginásios Vocacionais, que poderiam contribuir com maiores esclarecimentos sobre o assunto. Veja-se, por ex., Balzan (1970) e Balzan et al. (1969).

Introduzido na 5.^a série através de forma bastante simples — a chamada “aula ativa”, na qual, a partir de questões apresentadas pelos professores os alunos discutiam em grupos durante alguns minutos, apresentando suas conclusões, desenvolvia-se uma linha de complexidade crescente, permitindo-nos identificar:

— os seminários: encontros de alunos e professores numa atmosfera informal, constituindo ocasiões para estímulo à pesquisa e oportunidade para que os indivíduos planejassem, executassem e analisassem em grupo suas próprias investigações;

— os projetos, desenvolvidos por grupos constituídos por alunos da mesma classe e/ou de séries diferentes (cf. São Paulo, Secretaria da Educação, 1967);

— a ação comunitária: uma modalidade de projeto desenvolvida na 8.^a série, através da qual os grupos atuavam na comunidade, contribuindo para a solução de alguns de seus problemas (cf. São Paulo, Secretaria da Educação, 1967);

Tendo sido a técnica mais comumente utilizada pelos professores em suas próprias atividades, estes, sem dúvida, apresentavam maior segurança neste domínio do que nos demais. Convém lembrar ainda que o fato de os professores atuarem junto a classes divididas em grupos, segundo critério sociométrico, aumentava esta segurança.

Com base nestas constatações, e por ter sido o trabalho de grupo amplamente utilizado pelos professores das demais áreas, vimo-nos na contingência de colher informações em domínios mais amplos, questionando o Ginásio Vocacional como um todo. Assim procedemos, visando distinguir, o mais claramente possível, os resultados do trabalho desenvolvido em Estudos Sociais, daquilo que certamente fora produto de todo o conjunto de experiências pelas quais o indivíduo terá passado.

Além disso, apesar da segurança acima referida, julgamos importante verificar se nas atividades desenvolvidas estariam presentes aquelas condições que permitem ao educador identificar a produtividade do grupo, distinguindo-o de formas que se apresentam apenas como pseudo-atividade:

- lideranças situacionais em lugar da liderança imposta;
- forma de atividades que leva ao questionamento em lugar da acomodação;
- aprendizagens que podem ser transferidas para outras situações, tais como trabalho e lazer.

Já tivemos a oportunidade de nos referir às discussões de *atualidades* quando especificamos as diferenças imprimidas às atividades junto às duas turmas. No

entanto, é preciso distinguir atualidades como princípio, de atualidades como técnica didática.

Recorrer constantemente a fatos relatados pelos meios de comunicações de massas quer se referissem ao meio mais imediato como a áreas mais distantes do globo, relacionando-os ao conteúdo desenvolvido, constituiu-se num princípio, praticamente presente em todas as unidades desenvolvidas.

As sessões de atualidades, no entanto, apresentavam-se como uma técnica desenvolvida em “aulas” de Estudos Sociais especialmente reservadas para este fim. Elas contavam com a participação de todos os alunos que, a partir de leituras prévias de jornais e revistas, selecionavam os tópicos principais, relatando-os e discutindo-os em classe, sob a coordenação dos professores.

A exemplo das situações já descritas, as sessões de atualidades distribuíam-se segundo uma linha evolutiva ao longo do curso, de maneira que, ao atingir a 8.^a série, os alunos as realizavam contando apenas com a supervisão dos professores, que raramente intervinham diretamente no desenvolvimento do trabalho. As sessões de atualidades deram origem a projetos, tais como “rádio-jornal” e “atualidades em desfile”.

Ao elaborar os itens que seriam objeto de apreciação por parte dos ex-alunos, tomamos cuidado no sentido de que alguns deles se referissem de modo específico a “atualidades”, por julgarmos tratar-se de uma das partes mais dinâmicas do trabalho então desenvolvido:

— o ex-aluno tenderia a valorizar as discussões de atualidades, ou teria se julgado prejudicado em relação ao conteúdo desenvolvido?

— aqueles pontos que a nós, professores, pareceram de fundamental importância também o teriam sido para os alunos?

2.3 — Avaliação

Numa linha de coerência com os objetivos propostos e os procedimentos didáticos relatados, a avaliação constituiu parte integrante do processo educativo, não se restringindo a provas bimestrais.

Durante o desenvolvimento das unidades didáticas, os alunos eram observados pelos professores quanto ao seu desempenho nas diferentes situações descritas e realizavam também uma prova escrita, cujos resultados eram somados à média obtida nas demais situações de aprendizagem. A média resultante era transformada em conceito, respeitando-se uma escala que ia de I (inferior) a S (superior).

Paralelamente, os professores encaminhavam à orientação educacional, sob a forma descritiva, os resultados de suas observações a respeito do desempenho de cada um dos alunos.

O fato de ter sido a avaliação tratada como processo, não se confundindo com medida, nos levou a supor que tenha sido realmente significativa, esperando-se correlações positivas entre os resultados obtidos pelos sujeitos e suas opiniões e atitudes em relação a Estudos Sociais.

No entanto, é preciso salientar que os professores não contavam com treino anterior na observação de alunos e nem tão pouco com recursos atualmente disponíveis (uma taxionomia de objetivos educacionais, por exemplo), que lhes permitissem elaborar objetivamente suas questões e estabelecer com rigor os padrões de avaliação. Tornou-se impossível, dessa maneira, fazer qualquer afirmação quanto à validade e fidedignidade dos instrumentos utilizados.

Considerando-se esses pontos, cuidamos a fim de que a investigação junto ao ex-aluno nos pudesse trazer novos esclarecimentos sobre a avaliação tal como fora realizada na área de Estudos Sociais durante o período de 1962 a 1966.

2.4 — Os diferentes grupos de sétima e oitava séries

Os alunos de 7.^a e 8.^a séries distribuíram-se em três diferentes tipos de classes: teóricos, teórico-práticos e práticos, em função das informações coletadas nas séries anteriores e que eram objetos de estudo por parte dos orientadores educacionais⁴.

Esperava-se que, ao desenvolverem suas atividades e ao procederem a avaliação da aprendizagem, os professores discriminassem suas abordagens e instrumentos, atendendo às características dos três grupos.

Embora possamos afirmar que realmente foram tomados certos cuidados visando tais diferenças e embora não tenhamos dúvida quanto à seriedade que norteou a divisão dos alunos, sempre nos pareceu que por falta de melhor fundamentação, os professores trabalhavam em verdade, com classes fortes, médias e fracas, especialmente no que diz respeito ao domínio intelectual.

Este fato, constituindo-se num mascaramento da realidade, em nada teria contribuído para que os indivíduos que apresentassem maiores dificuldades pudessem alcançar rendimento satisfatório, especialmente numa área considerada teórica como Estudos Sociais.

Resolvemos questionar este aspecto, estudando possíveis correlações entre os grupos aos quais os indivíduos pertenceram na 7.^a e na 8.^a séries e as informações prestadas sobre a vida escolar e profissional posteriores ao Vocacional. Estudamos também, relações entre aqueles grupos e as opiniões e atitudes dos indivíduos sobre Estudos Sociais.

3. HIPOTETES

Como vimos, o trabalho realizado na área de Estudos Sociais junto às duas primeiras turmas apresentou uma série de pontos positivos, ao lado de limitações bastante claras, permitindo-nos levantar uma série de questões que, se respondidas, poderiam fornecer subsídios não apenas em relação a Estudos Sociais, mas também sobre a chamada "Educação Renovada", de modo geral.

Das constatações e da problemática precedentes, emergiram as seguintes hipóteses:

H 1 ... "Ex-alunos que tiveram insucesso em cursos posteriores tenderão a ter opinião desfavorável à posição ocupada por Estudos Sociais no Ginásio Vocacional".

H 2 ... "Serão constatadas divergências de opiniões entre elementos da 1.^a e da 2.^a turma, sobre a atenção dada à Comunidade em Estudos Sociais".

H 3 ... "Os elementos da primeira turma, estimulados desde a primeira série para a discussão de problemas de ordem nacional e internacional, declarar-se-ão menos interessados atualmente por problemas municipais que os elementos da segunda turma".

H 4 ... "Com relação ao Ginásio Vocacional, espera-se um maior número de respostas agressivas por parte dos elementos da primeira turma".

H 5 ... "Alunos que tiveram insucesso em cursos posteriores ao Ginásio terão opinião desfavorável à integração das áreas de estudos".

H 6 ... "Apesar das opiniões desfavoráveis ao estudo no período imediatamente posterior ao final de seu curso ginásial, a grande maioria dos ex-alunos tende a valorizar, hoje, o estudo em lugar da aula expositiva".

H 7 ... "Atitudes positivas e negativas em relação ao papel do 'Estudo' no treino de independência do aluno em relação ao professor estarão associadas às médias mais altas e mais baixas obtidas pelo aluno durante o curso ginásial, em Estudos Sociais".

H 8 ... "O ex-aluno citará, com maior frequência, os Estudos do Meio dentre as experiências mais marcantes, que outras vividas por ele no Ginásio Vocacional".

H 9 ... "Supõe-se uma relativa uniformidade nas opiniões em relação ao Estudo do Meio por parte de elementos de ambas as turmas, apesar das

⁴ Para informações detalhadas a propósito desses grupos, ver Pimentel e Sigrist, 1971, Cap. V.

diferenças quantitativas de estudos realizados de uma para outra turma”.

H 10 ... “Ex-alunos de diferentes níveis sócio-econômicos não tenderão a apresentar atitudes diversas sobre a área de Estudos Sociais”.

H 11 ... “Admite-se que atitudes positivas e negativas em relação à área de Estudos Sociais estarão associadas a médias mais altas e mais baixas obtidas pelo aluno nesta área durante o curso ginásial”.

H 12 ... “Supõe-se que elementos que pertenceram a grupos predominantemente teóricos tendem a apresentar atitudes mais favoráveis a Estudos Sociais que ex-alunos de grupos predominantemente teórico-práticos e práticos”.

H 13 ... “Admite-se, ainda, que os alunos pertencentes a grupos predominantemente teóricos obtiveram médias mais altas em Estudos Sociais no curso ginásial, que os alunos pertencentes aos demais grupos”.

III — METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA

1. DEFINIÇÃO DOS TERMOS

A opinião e a atitude do ex-aluno sobre a área de Estudos Sociais desenvolvida no Ginásio Vocacional de Americana durante o período de 1962-1966 constituíram o objeto de nossa pesquisa.

Procuramos constatar:

— decorridos 7 ou 8 anos, o que poderia ser considerado como verdadeiro pelo jovem, em relação ao trabalho desenvolvido com ele durante aquele espaço de tempo?

— o que pensava, o que sentia e que tendência para a ação apresentava o ex-aluno em relação a Estudos Sociais?

Respostas a questões como estas colocam o pesquisador na dependência daquilo que o indivíduo diz, isto é, de sua expressão verbal, suscitando dois tipos de problemas: um primeiro, referente à controvérsia entre aquilo que seria de maior validade — basear-se nas próprias ações do indivíduo ou naquilo que ele diz⁵ — outro, que se refere à dificuldade de se distinguir os limites entre opinião e atitude, sempre um tanto imprecisos, apresentando flutuações conforme os autores⁶.

Na pesquisa que vem sendo relatada, entendemos por estudo de opinião, a análise das respostas dadas pelos indivíduos aos itens do questionário agrupados em categorias, segundo critério predominantemente didático. Implicou a tabulação de dados e cálculos percentuais, mas não em tratamentos estatísticos mais aprimorados. Trabalhamos, portanto, com os resultados da expressão verbal do ex-aluno, em relação direta com as afirmações que lhes foram apresentadas.

5 Thurstone (1928) conclui que ambas podem representar distorções de suas atitudes e que podemos usar tanto opiniões como os atos manifestos como índices de atitudes. Krech et al. (1969), ao abordar o mesmo problema, citam os trabalhos de G. Murphy, B. L. Murphy e T. M. Newcomb, desenvolvidos na década de 30: *Experimental Social Psychology* (N. York, 1937).

6 Muitos autores têm procurado distinguir esses limites. Ver, por exemplo, Klineberg (1963, pgs. 542-543).

O estudo de atitude implicou a construção de escalas, método planejado e elaborado de modo a nos assegurar maior precisão na mensuração. Trabalhamos com os resultados da posição do ex-aluno em relação a algumas dimensões dos Estudos Sociais, estabelecidas segundo critério predominantemente estatístico.

2. INSTRUMENTOS E ESTRATÉGIAS UTILIZADOS NO LEVANTAMENTO DE DADOS.

2.1 — Construção do instrumento de coleta

Tratando-se de duas turmas que haviam deixado o estabelecimento há 7 ou 8 anos, e encontrando-se atualmente em diferentes pontos do Estado e mesmo fora dele, recorreremos a questionário como instrumento de pesquisa, cuja elaboração constou de duas etapas:

A primeira delas foi a construção de uma escala de atitudes, passando por todas as fases necessárias, desde a elaboração dos itens até os procedimentos estatísticos para verificar sua validade.

Dentre as várias técnicas conhecidas optamos por adotar a de Thurstone, também chamada “dos intervalos aparentemente iguais”.

A escala de Thurstone consiste de uma série de afirmações a respeito de determinado objeto.

Um grupo de juízes⁷ faz uma apreciação a respeito dessas afirmações, distribuídas através de onze intervalos, presumivelmente iguais. O número ímpar faz surgir um intervalo central, que divide o “continuum” em cinco intervalos favoráveis e cinco desfavoráveis, em graus crescentes a partir do intervalo central.

Os itens são dispostos em ordem casual e não na ordem de seu valor na escala.

Para a seleção dos melhores itens correspondentes a cada intervalo, recorre-se a dois critérios:

7 Os autores, em geral, não são unânimes quanto ao número exato de juízes. Guilford (1961), fixa 25, como mínimo. P. Debaty (1937) recorre a número variável: de 25 a 150.

- a) o cálculo da mediana de cada item, que fornece o valor quantitativo que ele terá na escala; escolhem-se itens com medianas que vão de 1 a 11, cobrindo todos os intervalos do "continuum".
- b) o "coeficiente de ambigüidade", como índice da distribuição dos julgamentos relativos a um item; escolhem-se, para cada intervalo, os itens que apresentam maior homogeneidade de acordo com a distribuição feita pelos juízes⁸.

Na pesquisa desenvolvida, foram apresentados aos juízes 118 itens, sendo que o método de obter julgamento (números impressos ao lado dos itens) consistiu numa variação sobre o método proposto por Thurstone que utiliza cartões que devem ser classificados pelos sujeitos. (Ver Anexo II, "Instruções aos Juízes". Observar que, da parte introdutória, fizemos constar o conceito de Estudos Sociais e esclarecimentos sobre alguns termos envolvidos no conceito).

Elaborados os itens, foram eles encaminhados a 33 pessoas, das quais apenas uma não nos forneceu a resposta.

Dos 32 juízes que apreciaram os itens 9 eram formados em História, 7 em Geografia, 7 em Pedagogia, 5 em Ciências Sociais, 2 em História e Direito, 1 em História e Pedagogia, 1 em Geografia e História

Desses indivíduos, 18 contavam com experiência em Ginásio Vocacional, 6 em escolas do tipo "Experimental" e 2 em Ginásios Pluri-curriculares. Além disso, esses 26 elementos contavam com a experiência em escolas comuns. Os outros 6 indivíduos tinham experiência exclusivamente em escolas comuns.

Dos 32 juízes, 14 contavam com mais de 10 anos de exercício profissional e 18 com menos de 10 anos.

Dos 32 juízes que se prontificaram a selecionar os itens, dois foram eliminados: um, por ter colocado um número excessivo de itens sobre um mesmo intervalo, no caso, sobre o intervalo 1 (um), o que nos levou a supor que houvesse viés em seu julgamento⁹; outro, por ter deixado de distribuir vários itens ao longo do "continuum", fazendo, além disso, uma série de considerações sobre muitos dos itens, que o revelaram vacilante quanto à própria opinião.

⁸ O coeficiente de ambigüidade é calculado a partir da fórmula

$$Q = \frac{Q_3 - Q_1}{2}, \text{ em que } Q_3 = 3^\circ \text{ quartil e } Q_1 = 1^\circ \text{ quartil.}$$

Quanto menor for o índice interquartilico, maior terá sido a concordância dos juízes a respeito da posição do item no "continuum".

⁹ Os estudos de Ferguson (1952) e Hinckley (1932) constituem meios para melhor se esclarecer sobre o assunto.

Considerando o número de itens disponíveis, imprimimos certo rigor na seleção, eliminando todos aqueles que apresentavam coeficiente de ambigüidade maior que 2,4.

Chegamos a 109 itens que deveriam ser submetidos à apreciação do ex-aluno opinando em termos dicotomizados: concordando ou discordando com cada uma das afirmações nele contidas (Ver Anexo III, Instruções aos ex-alunos).

A Tabela I (pág. 42 ss.) contém a relação dos 118 itens submetidos à apreciação dos juízes, suas medianas e coeficientes de ambigüidade; contém, ainda, os resultados da apreciação feita pelos ex-alunos em relação ao novo instrumento.

A segunda etapa da construção do instrumento foi a da escolha e da laboração das questões correlatas, para a obtenção de dados que permitissem testar as hipóteses propostas.

A redação definitiva das questões (Ver Anexo IV) foi precedida de um pré-teste, aplicado a um grupo de 30 indivíduos, ex-alunos do Ginásio Vocacional de Americana, de turmas posteriores a 1966.

2.2 — Composição do Universo

O instrumento assim elaborado deveria ser utilizado no levantamento de dados junto a 117 indivíduos, isto é, a totalidade dos elementos que fizeram parte das duas primeiras turmas do Ginásio Vocacional de Americana.

Desses indivíduos, 60 iniciaram seu curso em 1962, concluindo-o em 1965, e 57 iniciaram-no em 1963, concluindo-o em 1966.

Tratava-se de 63 indivíduos do sexo masculino e 54 do sexo feminino.

2.3 — Estratégia para o levantamento de dados

Os endereços de que dispúnhamos datavam de 1965 e 1966. Procuramos atualizá-los através de consulta aos arquivos do antigo Serviço de Acompanhamento Pós-Escolar do Ginásio Vocacional, hoje Colégio Estadual "João XXIII". Os endereços encontrados, porém, datavam de 1967, de maneira que as fichas daquele serviço nos foram de pouca utilidade.

Contribuíram para a localização dos ex-alunos e para o êxito na coleta de dados:

— contatos com antigos funcionários do estabelecimento, que nos forneceram informações sobre alguns dos indivíduos;

— informações fornecidas por elementos da 3.^a turma, por ocasião do pré-teste;